

Atividade econômica em queda

Indústria de transformação recua 10,4% no primeiro trimestre do ano

por Vera Saavedra Durão
do Rio

A economia brasileira manteve sua trajetória de queda nos primeiros três meses do ano. A produção de bens e serviços medida pelo Produto Interno Bruto (PIB) caiu 2,07% no primeiro

trimestre, ante igual período de 1995. Um dos principais motivos foi o resultado da indústria de transformação, que caiu 10,4% na mesma base de comparação. Na série dessazonalizada, o PIB permaneceu estável, crescendo 0,1% ante o quarto

trimestre de 1995. A taxa anualizada até março cresceu 1,14%, depois de fechar em 4,09% em dezembro passado.

Os números confirmam o quadro de redução do ritmo da atividade econômica que tem sido a tônica deste segundo ano

do Plano Real, observou Almir Cronemberger, gerente de estudos e modelos do Departamento de Contas Nacionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O crédito restrito, os juros altos, o câmbio sobrevalorizado e a abertura comercial vêm afetando não só a indústria e a agricultura, mas também o setor financeiro, cujo desempenho foi negativo em 8,96% no primeiro trimestre.

A previsão de Cronemberger para o segundo trimestre é de recuperação lenta em consequência de alguma flexibilidade da política monetária, como apontou a Sondagem Conjuntural da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Evitou, porém, estimar números para o PIB deste ano.

“Qualquer retomada tende a ser gradual, pois está ligada à política monetária, de distensão bem lenta. Isso, aliado às dificuldades que os bancos estão enfrentando e ao aumento da inadimplência, induz à cautela nas projeções”, declarou Cronemberger.

O especialista do IBGE chamou a atenção para alguns segmentos econômicos que cresceram neste primeiro trimestre, em relação ao mesmo trimestre do ano passado, dentro do novo modelo econômico. A produção animal aumentou 14,8%; a indústria extrativa mineral, 5,1%; os serviços de utilidade pública como energia elétrica e água, 4,6%; e o governo, principalmente as estatais, 1,4%.

Sua explicação para os desempenhos é de que esses setores têm menor dependência de crédito, menos competição externa e são menos influenciados pelo câmbio. No caso da indústria extrativa mineral, por exemplo, a Petrobrás tem negócios no exterior e depende menos da demanda interna.

O setor de comunicações tem uma reserva de demanda insatisfeita muito grande, explicou o especialista do IBGE. “Quanto mais aumenta sua capacidade instalada mais a demanda responde. Além de os investimentos nesse setor estarem acima da média.”

A grande prejudicada com a política econômica em curso é a indústria de transformação, aponta Cronemberger. De 1980 até o primeiro trimestre deste ano, essa indústria registrou um crescimento acumulado de seu produto real de apenas 10%, revelou. “O setor industrial foi o mais afetado pela década perdida dos anos 80 e agora é atropelado novamente pela nova economia do real”, avisa.

As quedas de produção de algumas categorias e gêneros desse setor industrial chegam a ser surpreendentes. É o caso da produção de bens de capital, com recuo de 30,1%, ante janeiro/março de 1995. Os bens intermediários, como cimento e siderurgia, encolheram 7,5% e os de consumo semiduráveis e não-duráveis, 3%. A única taxa positiva foi a de duráveis, com expansão de 1,1% no período.

Editoria de Arte/Gazeta Mercantil

PIB trimestral

(Taxas acumuladas em %)

Setor de Atividade	Ao longo do ano				
	1995.I	1995.II	1995.III	1995.IV	1996.I
PIB	10,33	7,87	5,51	4,09	-2,07
Agropecuária	6,82	4,94	4,48	4,90	2,53
Lavouras	2,08	0,97	-0,10	-0,35	-8,16
Prod. Animal	12,65	11,80	11,55	11,93	14,44
Indústria	14,42	9,49	4,90	2,03	-7,63
Extrat. Mineral	6,63	-1,37	1,63	3,12	5,21
Transformação	16,35	10,65	4,98	1,70	-10,44
Construção	10,53	8,17	3,75	0,11	-4,54
Serv. Indust. de Utilid. Pública	9,39	8,21	8,08	7,49	4,58
Serviços	7,90	7,50	6,40	5,69	1,59
Comércio	15,20	14,77	9,69	7,43	-1,89
Transporte	5,88	3,96	4,85	3,85	-2,06
Comunicações	25,85	24,67	24,89	24,66	14,80
Inst. Financeiras	-5,64	-5,98	-6,99	-7,53	-8,96
Ad. Pública	1,38	1,37	1,37	1,37	1,36
Outros Serviços	2,18	2,14	1,97	1,74	-0,95
Em quatro trimestres					
PIB	7,26	7,94	6,55	4,09	1,14
Agropecuária	8,83	7,15	5,51	4,90	3,88
Lavouras	8,50	4,60	1,56	-0,35	-2,67
Prod. Animal	9,26	10,59	10,83	11,93	12,43
Indústria	9,16	9,71	6,87	2,03	-3,08
Extrat. Mineral	4,65	0,22	1,21	3,12	2,81
Transformação	10,31	10,87	7,25	1,70	-4,40
Construção	7,77	9,51	6,65	0,11	-3,50
Serv. Indust. de Utilid. Pública	3,98	5,55	7,27	7,49	6,28
Serviços	5,13	6,62	6,59	5,69	4,14
Comércio	8,47	12,90	10,99	7,43	3,45
Transporte	3,83	4,63	5,97	3,85	1,94
Comunicações	17,15	20,18	23,20	24,66	21,66
Inst. Financeiras	-3,84	-4,89	-6,33	-7,53	-8,37
Ad. Pública	1,40	1,39	1,37	1,37	1,36
Outros Serviços	1,94	1,93	1,78	1,74	1,44

PIB pode crescer 4,3% em 1997

As projeções macroeconômicas feitas por vinte instituições nacionais e estrangeiras, divulgadas na última Sinopse Econômica do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), indicam que o Brasil crescerá neste ano 3% e 4,3% em 1997, sinalizando expectativas positivas de retomada da economia no ano que vem. Nestes dois anos, o cenário desenhado é de equilíbrio das contas externas, com a balança comercial voltando a apresentar superávits. A conta de comércio deve fechar 1996 com um superávit de US\$ 500 milhões, que vai dobrar para US\$ 1,2 bilhão em 1997.

As previsões para a taxa de investimento, porém, não são tão favoráveis. O quadro traçado é de estabilidade, com a formação bruta de capital fixo mantendo uma participação no Produto Interno Bruto (PIB) na faixa dos 16,7% e 16,8%, nos dois anos. Ou seja, as vinte instituições não esperam uma retomada significativa dos investimentos produtivos no período avaliado.

Quanto ao PIB brasileiro, a General Motors e a UBS Securities fazem as estimativas mais otimistas para o crescimento econômico nestes dois anos, prevendo aumentos de 4% e 5% para o PIB em 1996 e 1997, respectivamente. O número mais

pessimista fica por conta da Consultoria Rosenberg, projetando uma variação positiva de apenas 1,9% para o produto real neste ano.

Entre as instituições internacionais mais conhecidas, a Goldman Sachs estima um produto real para o País expandindo 2% neste ano. A Salomon Brothers arrisca 3% e a JP Morgan, 2,5%. Entre as nacionais, o Unibanco trabalha com um crescimento econômico de 2,5% para 1996 e 4,5% para 1997; a consultoria Macrométrica, de 3%, em 1996, e 2,9% em 1997. O banco Marka projeta aumento de atividade de 2,4% para este ano.

(V.S.D.)